Problemas de conceituação da anáfora

Luiz Arthur Pagani (UFPR)

`http://www.ufpr.br/~arthur`

`arthur@ufpr.br`

“E como o acaso é importante, querida.”

(Dorival Caymmi, **Nem eu**)

1 Introdução

- Observações bastante iniciais.
- Mais confuso do que esclarecedor (ou mais elegantemente: coloca mais questões do que responde).
- **Objetivo:** compatibilidade entre anáfora associativa (tradição francesa) e explicação neo-griceana (tradição anglo-saxã)?

2 Definição de anáfora

- “A ANÁFORA pode ser definida como uma relação entre dois elementos lingüísticos, na qual a interpretação de um deles (chamado de anafórico) é determinada de alguma maneira pela interpretação do outro (chamado de antecedente).”

[3, p. 288; minha tradução]

2.1 Diferente da co-composicionalidade e da coerção de tipo

- Leituras de “assar”: mudança de estado × criação
 - Pedro assou a carne.
 - Pedro assou o bolo.
- Preferência na interpretação de “começar”
 - Pedro começou o livro.
 - Predo começou o almoço.

[7, ps. 41, 47]

2.2 Referência individual

- “todo discurso, através de sua própria ontologia, manipula objetos. Seus marcadores textuais, geralmente, são as expressões nominais. Estes objetos são introduzidos e modificados enquanto o texto avança [...] Para identificar o tema do discurso, as expressões nominais são lidas exatamente como elas são, no seu papel de indicadores das formas do objeto através das quais as coisas são representadas. Postula-se que o micro-universo esquematizado pelo discurso contenha objetos que são designados pelas construções nominais.”

[6, p. 327]

2.2.1 Eventos

- Mas os eventos também permitem anáforas (inclusive associativas):
 - Arthur viajou de carro de Porto Alegre até Florianópolis. Por causa do engarrafamento, a viagem durou nove horas.
 - Arthur viajou de carro até Porto Alegre. Mas pernitoiu em Lajes.
 - * O pernoite (evento de pernoitar) ocorreu durante a viagem (evento de viajar).
- Portanto, ou os eventos são indivíduos (entidades de primeira ordem), ou entidades de outras ordens (como os eventos) também contam para a anáfora.

3 Anáfora associativa (indireta?)

- “A anáfora associativa normalmente é definida como uma expressão referencial que apresenta as seguintes duas propriedades:
 - ela se refere a um objeto (o referente) que é novo no discurso e, portanto, ainda não foi mencionado no contexto prévio;
 - ela só pode receber uma interpretação referencial completa a partir dos dados introduzidos no universo do discurso numa etapa anterior (esse tipo de informação será chamada a partir de agora de informação prévia); esta segunda propriedade é que justifica o uso do termo ‘anáfora’.”

[1, p. 364]

- “*anáfora indireta (AI)*, geralmente constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto [...] estratégia endofórica de *ativação* de referentes novos e não de uma *reativação* de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita.”

[5, p. 217]

3.1 Relação estereotípica

- “Ao lidar com a anáfora associativa, o lingüista considera que a identificação da base da própria associação (ou a razão pela qual a expressão – aparentemente incompleta – pode, contudo, ser facilmente identificada) é essencial para a devida identificação deste tipo de anáfora. Aceita-se, em geral, que a interpretação das seqüências associativas esteja fundamentada não apenas em informações anteriores, mas também na exigência de conhecimento comum e estereótipos culturais.”

[1, p. 367; minha tradução]

- “Vou postular que o referente da anáfora associativa é um ingrediente privilegiado, estereotípico e necessário da entidade denotada pelo elemento que é a fonte da anáfora associativa.”

[6, p. 334; minha tradução]

4 Princípios neo-griceanos

- Princípios de Quantidade, Informatividade e Modo [4, p. 76, 114–115, 136–137]

- **Princípio-I:**

“*Máxima do falante*: máxima da Minimização. ‘Diga o mínimo necessário.’ Ou seja, produza a menor quantidade de informação lingüística suficiente para atingir os seus objetivos comunicacionais (tendo o Princípio-Q em mente).

Corolário do interlocutor: regra da Expansão. Aumente o conteúdo informacional do proferimento do falante, encontrando a interpretação mais *específica*, até o limite que você considere como sendo a M-intenção do falante, a menos que o falante tenha violado a máxima de Minimização usando uma expressão marcada ou prolixa.

Especificamente:

1. Assuma as conexões temporais, causais e referenciais mais complexas entre as situações e os eventos descritos, consistentes com o que puder ser dado como certo.
2. Assuma que relações estereotípicas se estabelecem entre os referentes e os eventos, a menos que isso seja inconsistente com 1.
3. Evite interpretações que multipliquem as entidades referidas (assuma a parcimônia referencial); especificamente, prefira leituras correferenciais de SNs reduzidos (pronomes ou elipses).
4. Assuma a existência ou a efetividade daquilo que a sentença diz se isso for consistente com o que puder ser dado como certo.”

5 Questão referencial

5.1 “Arlindo tirou os pés da mesa.”

- Arlindo e a mesa:
 - os pés de Arlindo foram tirados da mesa (anáfora)
 - os pés da mesa foram tirados da própria mesa (catáfora)
(Desconsiderando, claro, a estrutura prosódica)
- Arlindo, a mesa e uma terceira “entidade”
 - os pés de algo ou de alguém (nem de Arlindo, nem da mesa) foram tirados da mesa (dêixis)

[2, p. 73]

5.2 “Três homens saíram.”

5.2.1 “O brasileiro voltou.”

- Apenas três homens, se o brasileiro estiver entre os que saíram, e foi o que depois voltou;
- mas também pode ser que o brasileiro tenha saído num outro evento diferente da saída destes três mencionados, então as sentenças estariam falando de quatro homens.

5.2.2 “O brasileiro ficou.”

- Ao contrário da anterior, não parece viável qualquer interpretação na qual o brasileiro tivesse saído, mas ficado; então, nesta seqüência, só podemos estar falando de quatro homens.

6 Conclusões

- Anáfora associativa (indireta) não é incompatível com explicação da anáfora numa pragmática neo-griceana.
- Anáfora associativa: dêixis com anáfora – há introdução de um referente discursivo que apresenta uma relação com algum outro referente já introduzido antes.

6.1 Observações inconclusivas

- Anáfora como relação:
 - Natureza das entidades relacionadas:
 - * entre expressões (sintaxe)?
 - * entre referências (semântica)?
 - * entre estratégias de se referir às coisas (pragmática)?
 - * entre as próprias coisas referidas (ontologia)?
 - Tipo de relação:
 - * correferência?
 - * identificação da referência através de inferência?
- referência × predicação: autonomia?
- (dêixis × anáfora) × (exófora × endófora)
- potência × ato: referente discursivo × coisa referida no mundo

Referências

- [1] Denis Apothéloz and Marie-José Reichler-Béguelin. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. *Journal of Pragmatics*, 31:363–397, 1999.
- [2] Márcia Cançado. *Manual de Semântica – Noções Básicas e Exercícios*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- [3] Yan Huang. Anaphora and the pragmatics-syntax interface. In Laurence R. Horn and Gregory Ward, editors, *The Handbook of Pragmatics*, pages 288–314. Blackwell, Oxford, 2004.
- [4] Stephen C. Levinson. *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicature*. The MIT Press, Cambridge, MA, 2000.
- [5] Luiz Antonio Marcuschi. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, 56:217–258, Jul./Dez. 2001.

- [6] Denis Miéville. Associative anaphora: An attempt at formalisation. *Journal of Pragmatics*, 31:327–337, 1999.
- [7] James Pustejovsky. *The Generative Lexicon*. The MIT Press, Cambridge, 1992.

<http://www.ufpr.br/~arthur>